

- DIEGUES, A. C. S. 1983. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo, Ática.
- KOTTAK, C. P. 1966. *The structure of equality in a Brazilian fishing village*. Ph.D. Dissertation. (mimeo)
- _____. 1982. *Assault on paradise*. Michigan, Ann Arbor Univ. of Michigan Press.
- ANDERSEN, R. 1972. *Cat harbor*. Institute of Economy Research/University of Newfoundland.
- NEMEC, F. 1974. *I fish with my brother*. s./l. (mimeo)
- FAVRET-SAADA, J. 1979. *Les mots, la mort, les sorts*. Paris, Gallimard.
- GEERTZ, C. 1973. *The interpretation of cultures*. Basic Books.
- WADEL, E. 1972. "Capitalization and ownership; the persistence of fishermen ownership in the norwegian Herring Fishery". In: WADEL, E. & ANDERSEN, R. (eds.). *North Atlantic fishermen*. Toronto, Memorial University of Newfoundland.

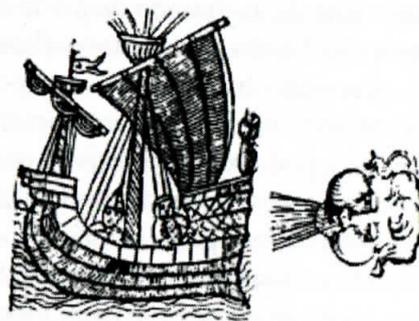
TEMPO NATURAL E TEMPO
MERCANTIL NA PESCA ARTESANAL

LUCIA HELENA DE OLIVEIRA CUNHA
IEA — Instituto de Estudos Amazônicos

A REFLEXÃO AQUI desenvolvida constitui um extrato de dissertação de mestrado sobre o pescador artesanal de Barra da Lagoa, no litoral leste da Ilha de Santa Catarina.

O objetivo da pesquisa foi o de caracterizar como *tempo e espaço* se conformam no núcleo pesqueiro artesanal, tanto em sua significação concreta como imaginária.

Com base nas formulações de Thompson (1967), duas categorias principais regeram o estudo: *tempo natural* e *tempo do relógio*. A pri-



meira se expressa nas chamadas pequenas comunidades domésticas, entre as quais a vida diária é regulada pelas tarefas de trabalho, pelo encadeamento das atividades sociais; a segunda aparece em sua expressão desenvolvida nas chamadas sociedades capitalistas industriais.

Independente da lógica social envolvida nessas diferentes formas históricas, isso parece decorrer de que, no primeiro caso, as fronteiras entre o tempo de trabalho e o tempo de não-trabalho não se apresentam nitidamente demarcadas, constituindo-se cada uma dessas dimensões da vida no prolongamento da outra; no segundo, dado o caráter das relações sociais que definem as sociedades complexas — especialmente as regidas por relações capitalistas —, a demarcação, a oposição e a dissociação entre tais dimensões parecem assumir maior precisão, pois o homem se encontra submetido a uma medida autônoma e externa do tempo, fora quase que totalmente do seu controle. O relógio, na metáfora que representa, consiste no regulador do ritmo dominante nas sociedades ocidentais.

Embora *tempo e espaço* sejam dimensões indissociáveis, esta exposição estará centrada na categoria *tempo*, vista em sentido antropológico, como uma *criação cultural*, cujo significado varia não somente entre as diversas sociedades históricas, mas no interior de cada uma delas, fluindo de modo não homogêneo na vida e representação dos diversos grupos, classes e segmentos sociais.

Convém observar que as colocações aqui expressas, apesar de guardarem especificidades à comunidade pesqueira de Barra de Lagoa (SC), podem vir a contribuir para o entendimento do ritmo “natural” imanente à pesca artesanal. Assim, pode ser observado como a questão do tempo se manifesta naquela comunidade.

Na vida cotidiana o povoado de Barra da Lagoa extrai da pesca sua fonte de alimento básico, embora seus habitantes sejam compelidos a buscar outras fontes alternativas para a reprodução social, dedicando-se aos chamados serviços de terra ou pescando fora.

Apesar das mudanças intensas que ali se processam, a atividade pesqueira abarca a vida local em múltiplas dimensões, infiltrando-

se no tecido social. A pesca conduz o fio do tempo, percorrendo não somente a dimensão econômica, mas a sócio-cultural: a alma dos barrenses parece embebecida de mar e rio; e de peixes.

Envolvidos pela pesca e pelos distintos domínios naturais e sociais, os pescadores vivem, hoje, ordens temporais díspares e contraditórias, as quais interferem na apropriação do espaço marítimo, fluvial e terrestre. Não se quer dizer que no passado o tempo era vivido de modo único e homogêneo. A própria dinâmica da pesca artesanal implica tempos diferenciados em suas múltiplas modalidades internas: o tempo não possui o mesmo valor durante todo o ano.

Apenas se quer chamar a atenção para a presença de formas de ordenações temporais, que, nas feições internas do presente, se conjuntam e disjuntam¹ de modo estrutural, numa relação de convivência ou de domínio: tempo natural e tempo mercantil capitalista, respectivamente, em sua expressão cíclica e linear, são ordenações simultâneas e ambivalentes do ritmo do povoado pesqueiro.

A ordenação capitalista que rege a sociedade dominante, converte quantitativamente o tempo em valor reduzido a dinheiro. O capital passa a pressionar por dentro a atividade pesqueira, alongando o tempo de permanência no mar e regulando o ritmo da produção. De acordo com o valor da mercadoria, estipulado no bojo das relações mais amplas da sociedade, é que o pescador reproduz sua existência básica: seu tempo de trabalho só se realiza socialmente no mercado. Tem-se aí o tempo do capital expresso na integração da atividade pesqueira nas malhas da produção mercantil e industrial. Embora o relógio não esteja inscrito na produção como medida de tempo, traduz a lógica capitalista no controle da circulação do pescado nas mãos do intermediário e grandes empresas e na aparição do não-trabalhador no processo produtivo, o qual expropria o tempo de quem produz, rompendo com a secular relação de parceria.

De outro modo, a interferência da pesca industrial na localidade se faz notar pela presença direta ou indireta dos grandes barcos nos

¹ Tais categorias são trabalhadas aqui seguindo a visão de Octávio Paz (1979).

mares da Barra e circunvizinhos, como portadores de um ritmo técnico e econômico próprio: o ritmo do maquinismo, do grande capital. Sendo muitos migrantes temporários — ora embarcados, ora artesanais —, os pescadores barreenses vivem *tempo e espaço* com duplicidade. Tal duplicidade aparece também no verão e no inverno, onde *tempo turístico* e *tempo da pesca* se contrapõem, durante o ano, com ritmos diferenciados.

A ordem natural, por sua vez, manifesta-se no ritmo interno do ciclo da pesca; os pescadores seguem a mobilidade das espécies em cada safra. Um tempo que, tal como o peixe, gira, faz a roda do tempo: acaba e renasce de modo cíclico.

Apesar das mudanças sociais que interfere no ritmo de vida barreense — com a expansão da urbanização e do turismo e a integração na produção mercantil —, aí se conforma ainda um ritmo peculiar, marcado pelo *tempo natural* dissonante do ritmo urbano-industrial, da disciplina da fábrica, da produtividade do capital.

Se o tempo do relógio se presencia nesse povoado pesqueiro — seja pelo ritmo impulsivo da vida da cidade que a ele, por vezes, se contrapõe, seja pela própria organização da produção inscrita no capital comercial e industrial, ou pela ocupação desordenada de elementos de fora que nele passaram a habitar, temporária ou permanentemente —, o elo com o tempo natural parece persistir, regulando, ainda de modo relativo, as atividades do pescador artesanal. Basta ver a organização do cotidiano do trabalho de pesca, não marcado por horários definidos, e o modo como intercala sua atividade num ritmo que lhe permite certo controle do tempo. Nesses termos, parafraseando Evans-Pritchard (1978), a pesca é que impõe o horário do dia-a-dia, coordenando com seu tempo próprio as atividades a serem realizadas — não obstante, numa relação de subordinação ao tempo do capital. Se, por um lado, é possível delinear os movimentos básicos que diariamente são efetuados — saída à captura dos peixes, retorno e processo de sua comercialização —, por outro, não se pode saber com precisão em que marcações do tempo esses movimentos se dão. É um tempo imprevisível e irregular. E, nesse sentido, na modalidade

artesanal da pesca, os dias não se repetem: tempo não-fixo, tempo irregular, tempo imprevisível; tempo que depende de outro tempo; tempo que tem o seu próprio tempo.

Assim, o pescador barreense parece definir sua existência e demarcar afazeres diários, não somente em função do calendário urbano — há algum tempo que sua vida vem sendo regida pelos horários do relógio —, mas em decorrência das principais safras de peixes que perpassam as estações do ano. Ele se refere, geralmente, a cada época enquanto significado da atividade, demarcando a passagem dos meses pela passagem dos peixes: *é época de tainha, é época de anchova, é época de brota, de corvina...* Nesse sentido, cabe citar as observações de Evans-Pritchard (1978):

“O calendário é uma relação entre um ciclo da atividade e um ciclo conceitual e os dois não podem ser isolados, já que o ciclo conceitual depende do ciclo de atividades do qual deriva seu sentido e função ... O calendário está ancorado no ciclo das mudanças ecológicas.”

Mesmo que de modo fragmentário e parcial, e já guardando pouca relação com o passado, onde o saber cósmico integrava de modo totalizante a atividade, o calendário lunar ainda atua no universo pesqueiro. *Claro* e *escuro* como marcações peculiares ao universo da pesca, cujo significado é dado pela influência da Lua, ainda se manifestam no vocabulário do pescador barreense².

Embora inseridos na teia temporal capitalista, não é, pois, nessa medida que os pescadores encerram o seu tempo. Se a sociedade que os envolve tende a subsumi-los cada vez mais ao jugo do tempo do relógio como forma predominante, viu-se que no ciclo da pesca o tempo natural ainda flui.

A significação do universo da pesca artesanal está contida em um conjunto de elementos singulares. Do ponto de vista de sua organização interna, destaca-se o fato de constituir uma atividade econô-

² *Claro* corresponde à Lua cheia, não adequada para o pescado; e *escuro* à Lua nova, favorável às pescarias, principalmente as realizadas no rio, no período noturno.

mica que depende das forças naturais, cujos reflexos imediatos atuam na regularidade da captura, na geração do excedente e nos grupos ou classes sociais envolvidos (Diegues, 1983). Como uma atividade eminentemente irregular, o pescador tem sobre ela pouco controle, estando em direta dependência da natureza, de suas leis básicas — ventos, chuvas, marés — e do próprio ciclo de reprodução e migração dos peixes. Assim, afirma Diegues (1983: 6):

“a mobilidade dos recursos pesqueiros no ecossistema marinho marcado pela complexidade dos fenômenos naturais é, em grande parte, responsável pela imprevisibilidade de captura com reflexos imediatos na própria organização da produção e do mercado.”

Nessa perspectiva, as forças naturais atuantes no universo pesqueiro e, mais especificamente, na constituição do espaço litorâneo, ganham relevância — ainda que não numa relação de determinação — como um conjunto de condições e processos que influenciam as relações entre o homem e a natureza. Ou seja, a natureza não constitui uma entidade estática segundo a lógica da grande indústria, que a faz parecer como fator de produção inerte ou reduzida a objeto de empreendimento, mas um sistema de produção próprio que se articula com o social. Sua dinâmica se particulariza num complexo de relações e processos que produzem e reproduzem a vida³.

Em seu exaustivo estudo sobre a atividade pesqueira, Diegues (1983: 87) aponta a necessidade de se pensar a natureza como algo não-homogêneo, cujos movimentos imprimem especificidade às atividades produtivas, aos ritmos temporais aí envolvidos e à forma de apropriação humana:

“ao contrário da indústria, onde a matéria-prima é relativamente homogênea, permitindo a produção em massa, a pesca exige ajustes, contínuos

³ Não se pretende aqui reproduzir a proposta conceitual de Diegues como um todo — o que exigiria análises teóricas mais acuradas —, principalmente quando utiliza, baseado em Gutelman, o conceito de forças produtivas naturais para dar conta da especificidade da natureza marinha.

a condições naturais em contínua mudança. Essas condições naturais em contínuo movimento dificultam a produção em massa e quando, pela introdução do maquinismo, ela se torna possível, como no caso da pesca do arenque, ocorre o perigo do extermínio da espécie.”

Nesse sentido, os ritmos temporais presentes na pesca artesanal implicam entender a forma como os homens se inter-relacionam, entre si e, especificamente, com a natureza marinha, como um ecossistema próprio. Seus movimentos internos apontam limites, nem sempre previsíveis à ação humana, e uma forma específica de apropriação de seus recursos, articulada, direta ou indiretamente, a distintas temporalidades sociais.

Marcada fortemente pelas forças naturais, a irregularidade na captura dos recursos marinhos gera um ritmo próprio no interior da pesca artesanal. Não se quer dizer com isso, como faz lembrar Thompson (1967), que a natureza comanda o processo produtivo, vindo, em si, a conformar o tempo natural do universo pesqueiro. É na relação com ela estabelecida que esse tempo se expressa. Isto é, no modo como a natureza se impõe com seu tempo próprio e é concomitantemente apropriada pelo pescador — mediante a tecnologia artesanal empregada e no conhecimento construído em torno dos domínios que abrange (céu, mar, rio) —, é que se extrai o tempo natural.

Além desses aspectos, convém acentuar que o controle relativo dos meios de trabalho, particularmente nos casos em que prevalecem os produtores diretos, vincula-se, nessa forma de organização, intrinsecamente ao controle da arte da pesca, em que o saber-pescar apresenta-se mediatizado pela tradição e pela experiência, conferindo-lhe especificidade. A pesca artesanal não depende apenas da posse de condições materiais à sua realização. O ato do saber-pescar envolve um conjunto de conhecimentos, experiências e códigos culturais transmitidos de pai para filho, recriados individual ou socialmente, através dos quais a parceria se realiza. Se a diferenciação econômica se evidencia — como proprietários e não-proprietários dos meios de produção, configurando uma parceria desigual — no

plano cultural, no ato em si de pescar, a parceria relativamente se equaliza, pois o saber compartilhado é uma condição *sine qua non* da pesca artesanal.

É importante perceber, pois, como esses ritmos naturais são apropriados pelo pescador artesanal e como se especificam, seja em relação ao seu trabalho concreto, seja em relação aos conteúdos imaginários que a ele são imputados. Decorre daí uma noção de temporalidade vivida e representada de modo original nos diversos domínios físicos e sociais em que a pesca se realiza: *"aqui tem liberdade"*.

Das seguintes falas é possível depreender esse ideário de liberdade que conforma o imaginário do pescador artesanal, resultante do ritmo natural da pesca, o que configura, de sua parte, uma recusa mesmo que relativa e contraditória, em ingressar no tempo capitalista industrial típico, enquanto cristalizado na disciplina do tempo fabril; uma recusa manifesta de modo concreto e imaginário, mesmo quando imerso na fantasia da "urbanidade" e do "progresso" ou inserido na trama do capital comercial e industrial.

"A pesca é melhor, não se pede a ninguém, vai a hora que quer, não está cativo. Em terra está preso, está sempre mandado. No mar o camarada tem sua vida." (Leoni Vieira, 40 anos, 1986)

"A gente se criou na pesca e gosta da pesca, a gente está acostumado (...) Em terra o salário não dá nem pra comer (...). Na pesca vou a hora que quero volto a hora que quero (...). Na fábrica, ou no serviço, seja lá o que for, eu tenho que ir, possa ou não possa, se eu não for eu perco, sou obrigado a ir. Então fica difícil. Na pesca já me acostumei, ganho pouco mas eu que mando." (Valdelino Vieira, 40 anos, 1987)

"Trabalha-se na pesca mais à vontade. Se tivesse trabalhando em terra estaria ganhando um salário mínimo (...) pois o pescador tem essa vantagem, trabalha mas não é mandado (...). Aqui não tem um patrão que cutuca (...) que manda (...), forçado (...) não tem horário(...). Tudo isso é liberdade."
(Entrevista conjunta com vários pescadores)

"Nós pescador não dá pra enfrentar serviço em terra (...). Deus me ajuda nunca depender de um serviço em terra, é mais garantido mais não dá pra

viver de um salário de fome. Na pesca trabalho mais a vontade. Escolho ser pecador pela liberdade." (Anselmo Duarte, 32 anos, 1986)

Importa realçar que o mar, domínio principal em que se inscreve o trabalho diário, consiste no referente básico de construção e reconstrução de sua identidade como trabalhadores do mar. A oposição mar X terra por eles estabelecida ganha um sentido particular, não só no plano imaginário, mas em sua vida concreta, demarcando sua atividade em relação a outras dominantes no meio urbano-industrial. A terra, quando identificada como esses trabalhos urbanos, é referida como um espaço *exterior, fixo, aprisionador*, em contraposição ao mar, percebido como o espaço *interior, móvel e libertador*.

Se a não-percepção das implicações históricas da tendência à proletarianização, em suas determinações básicas, impossibilita uma linguagem nitidamente política, não resta dúvida de que o pescador artesanal insinua um modo de ser, nos planos real e imaginário, pulsado pelo *tempo natural*. Um modo de vida marcado por condições, envolto nas redes capitalistas que estranha, porém, o tempo aí prevaiente.

Daí poderem ser entendidas, talvez, as construções ideológicas sobre o modo de vida do pescador. O porquê a sociedade dominante o nega ou, simultaneamente, o absorve e recusa: ao não se coadunar com o ritmo produtivo dominante, o pescador tende a ser percebido, do ângulo urbano-industrial, como *preguiçoso, vagabundo, indolente, atrasado*.

O *tempo natural*, expresso na mesa artesanal, não está dissolvido no *tempo mercantil e industrial capitalista*, embora com este se articule ou a ele se subordine. Nesse sentido, o tempo do pescador, no ritmo diário, se apresenta como dissonante da ordem fabril porque contempla uma liberdade aí ausente. Liberdade real e ilusória...

- BARBOSA, L. N. H. 1981. *Categoria tempo na sociedade brasileira*. Friburgo, Trabalho apresentado na Reunião de Trabalho "Cultura Popular e Ideologia Política" ANPOCS, mimeo.
- BECH, A. 1981. *As conseqüências da expansão capitalista no litoral de Santa Catarina*. s.n.t., mimeo.
- DIEGUES, A. C. S. 1983. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo, Ática.
- EVANS-PRITCHARD, E. 1978. "Tempo e Espaço". In: *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo, Perspectiva.
- LEACH, E. R. 1984. "Dois ensaios a respeito da representação simbólica do tempo". In: *Repensando a Antropologia*. São Paulo, Perspectiva.
- PAZ, O. 1979. *Conjunções e disjunções*. São Paulo, Perspectiva.
- _____. 1982. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- RICOEUR, P. 1975. *As culturas e o tempo*. UNESCO(org.). Petrópolis, Vozes.????
- THOMPSON, E. P. 1967. *O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial*. s.n.t., mimeo.

TEMPOS E LUGARES NOS LENÇÓIS MARANHESES: CONSIDERAÇÕES SOBRE O MODO DE VIDA DE COMUNIDADES RESIDENTES JUNTO A UM PARQUE NACIONAL.¹

ÁLVARO DE OLIVEIRA D'ANTONA
Pós-graduando, Antropologia, Unicamp

No CICLO DOS VERÕES e invernos, o modo de vida das comunidades dos Lençóis Maranhenses combina práticas tradicionais de subsistência, graças aos deslocamentos sazonais. Mas as transformações nas condições regionais — de um lado o crescimento, a urbanização e o turismo; de outro, a criação do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses — acabam por definir



¹ Baseado na argumentação apresentada na dissertação de mestrado deste autor (D'Antona 1997).